

FABRICA DA PEDRA: UMA INDÚSTRIA “EXEMPLAR” NO SEMIÁRIDO
ALAGOANO ENTRE 1914 /1917.

JOSÉ CÍCERO CORREIA¹

Este trabalho é parte de uma pesquisa mais ampla, e em desenvolvimento para minha dissertação de mestrado pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, na qual pretendemos averiguar os impactos na vida dos sertanejos, transformados em operários, após a instalação da Fábrica da Pedra e um núcleo fabril nas suas adjacências.

Estação ferroviária, água encanada, casa de alvenaria, luz elétrica, indústria, operários, cinema, futebol, automóvel. Essa é uma descrição sumária do núcleo fabril instalado na Vila da Pedra no Município de Água Branca, no alto sertão alagoano entre 1914/1917. O panorama apresentado demonstra uma realidade completamente diferente da imagem que se tinha do sertão na época, para situarmos nossa discussão, vejamos o que escreveu Euclides da Cunha:

Acredita-se que a região incipiente ainda está preparando para a Vida: o líquen ainda ataca a pedra, fecundando a terra. E lutando tenazmente com o flagelar do clima... Nenhum pioneiro da ciência suportou ainda as agruras daquele rincão sertanejo, em prazo suficiente para o definir (CUNHA, 2002. p.50/52).

A citação acima se refere a uma parte do sertão, especificamente, o baiano, onde ocorreu o conflito de Canudos, no entanto, esse cenário descrito na obra Os Sertões irá se generalizar. A experiência modernizadora de Pedra foi deste dos primeiros anos confrontadas com essa realidade descrita por Euclides da Cunha.

A Fábrica da Pedra, assim como núcleo fabril logo se tornaram objeto do interesse de várias pessoas “importantes”. Muitas expedições foram realizadas para a Vila da Pedra, as pessoas queriam testemunhar o que era aquela experiência, cuja, historiografia tradicional atribui ao fundador e sócio majoritário, o coronel, comerciante e industrial Delmiro Gouveia.

A natureza guarda ali uma atitude viril de desafio diante do homem: é ríspida, adusta. Enxerga-se de todos os lados a obscura hostilidade dos elementos (...). O

¹ Mestrando pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL.

Senhor Delmiro Gouveia, para combater a ignorância, o fanatismo religioso, o fetichismo bárbaro, serve-se também de máquinas, engenhos da indústria humana, que em vez da morte e da destruição, ensinam ao sertanejo e ao jagunço o trabalho fecundo que educa, civiliza e aperfeiçoa (...) CHATEAUBRIAND apud MELLO.

Está visão de Delmiro como “evangelizador” do sertão foi compartilhada por muitos daqueles estavam em Pedra, abaixo mais depoimento nesta direção:

O que Delmiro Gouveia conseguiu fazer no sertão de Alagoas, sem a cruz, o hábito do missionário e os dinheiros públicos, foi a obra mais notável que se tem notícia em nossa história (..) Mariano Procópio, Mauá, Luiz Tarquínio e Assis Brasil se fizeram aparentemente mais do que ele é por que agiram num ambiente muito mais próprio (CAVALCANTI apud CORREIA, 1998)

Podemos perceber a partir dos depoimentos o confronto entre o meio e os feitos de Delmiro Gouveia, ou seja, o fato daquelas experiências terem como cenário o sertão, era motivo de maior enaltecimento ao seu idealizador.

A Fábrica da Pedra inaugurada em 1914 não surge do nada, como muitos descrevem, no entanto, os projetos de Delmiro para o sertão eram outros. Pretendia juntamente com investidores estrangeiros gerar energia elétrica a partir da Cachoeira de Paulo e fornecer aos grandes centros do Nordeste. Já estava quase tudo certo, Delmiro e os gringos tinha o apoio político dos Governos de Alagoas e Bahia para iniciarem as obras. Faltava apenas o aval de Pernambuco, o que não aconteceu, pois o Governador pernambucano acha que aquele negócio tinha alguma velhacaria, e não assinou a concessão para instalação da rede e dos postes para transmissão de energia elétrica gerada a partir da Cachoeira de Paulo Afonso.

Sem o apoio político de Pernambuco a parceria com os gringos não vingou. Sem a participação dos empresários estrangeiros o projeto não poderia ser tocado. Acontece que antes de iniciar as conversas com os empresários estrangeiros Delmiro já havia obtido do Governo de Alagoas o direito de explorar comercialmente a Cachoeira de Paulo Afonso através de concessão dada a firma Iona & Cia.

O Decreto nº 520 de 12 agosto de 1911, que concedeu à referida firma Iona e Cia., ou empresa que organizasse, o direito de utilizarem pelo prazo de 90 anos, a força hidráulica existentes nos terrenos de sua propriedade... As terras onde estava a Cachoeira de Paulo era devolutas, pertencentes ao Estado, mas, em 1907 havia a

firma Iona & Cia com sede em Maceió, adquirido o direito de uso através do Decreto nº 499. (SANT'ANA 1996, 18).

Delmiro não queria perder a concessão, mas, não tinha Capital para tocar o ambicioso projeto de iluminar os maiores centros urbanos do atual Nordeste sozinho, então é quando redimensiona seus projetos para uma pequena hidrelétrica, uma fábrica têxtil e núcleo operário ao entorno da desta última.

A usina hidrelétrica de Angiquinho, pioneira do seguimento no Brasil, ficou pronta em 1913. A maquinaria para sua instalação veio da Europa, sendo transportada de barco até Piranhas, depois de trem até o Povoado de Pedra, e até o local foi transportada em carros de bois.

Também do estrangeiro veio o maquinário para fábrica “*da Europa também veio o material para instalação da Fábrica de Linhas, as máquinas foram fornecidas por Dobson & Barlow, de Boston, Inglaterra*” (LIMA JÚNIOR, 1983, 151). Percebe-se já pela aquisição do material para instalação dos empreendimentos em Pedra, vindos da Europa, assim como, o interesse de estrangeiros em fazer investimentos na região, indica que a Vila da Pedra não se encontrava tão isolada como muitos apontam.

É muito provável que os primeiros operários da Fábrica tenham trabalhado também na construção da usina, mas, Delmiro utilizou outras estratégias para reunir força de trabalho para seu empreendimento, no início de 1914 utiliza-se de anúncios em jornais de grande circulação em Alagoas.

A partir de 24 de abril de desse último ano [1914], através das colunas do Jornal de Alagoas, de Maceió, a firma Iona & Cia, em aviso precedido do título “Operário” comunica estar a Companhia Agro Fabril Mercantil precisando contratar operários peritos nas especialidades branqueamento, cordas, bancas de estiragem, penteadeiras, brancos grossos, intermediários e finos, máquinas de fiar e torcer, - inclusive crianças de ambos os sexos, para fazerem “caixinhas e outros serviços delicados”, adiantando que “na Pedra o clima (era) saudável, a Fábrica espaçosa e nela o ar (era) renovado de modo a não prejudicar a saúde do operário”, fornecendo gratuitamente aos seus operários “casa limpa e higienica, água e luz elétrica sendo seus ordenados tão ou mais compensadores do que atualmente pagam quaisquer outras fábricas congêneres” (SANT'ANA, 1996, p. 28).

Com a intensão de adquirir mão de obra para indústria, talvez uma força de trabalho mais qualificada, bastante disputada na época, Delmiro oferece “melhores” condições de trabalho, e residência aos operários, ressalta também que em Pedra o clima era saudável. Os dados por nós analisados ainda não nos ofereceu uma resposta satisfatória no que diz respeito ao sucesso dessa estratégia.

Porém nove depois, agora no Jornal o Correio da Pedra nos oferece um novo quadro sobre a mão de obra operária, a reportagem aponta que a maioria daqueles que estão empregados na fábrica são nativos do próprio sertão.

Delmiro Gouveia conseguiu, sem conselhos e sem insinuações, unicamente por processos seus, ensinar aos governos como poderá ser feita a proveitosa e rapida catechese dos desherdados de alfabetisação, dos semi-barbaros que povoam o hinterland nacional, por que em verdade, no curto período de quinze annos, persuadir o sertanejo a admittir o trabalho como indeclinavel necessidade humana [...] Delmiro Gouveia foi um preocupado em ter o seu trabalho organizado sob a mais moderna feição, e esse desvêlo acompanhava outro maior: integrar o sertanejo nos ditames da moral, nos cuidados do asseio e nos proventos da instrucção, obrigando-o à frequencia das escolas (**CORREIO DA PEDRA**, nº 263, 12 de outubro de 1923, p. 1).

Percebe um discurso bastante utilizado pela burguesia, o de que estão cumprindo com uma missão moral, integrando ao mundo do trabalho aqueles que estariam excluídos se não fosse a boa vontade dos patrões. Com relação à Pedra esse discurso burguês vai sendo forjado e reproduzido por várias pessoas. É o caso do professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e deputado federal por Pernambuco, Antônio Austregesilo, em fevereiro de 1922.

A Pedra resume a transmutação das ânsias do progresso de homem cuja actividade e cujo empreendimento merecerão as bênçãos de todos os brasileiros, por que foi ali, como resa a sincera e dolorosa inscrição na cruz erecta no lugar em que se deu seu bárbaro assassinato, o evangelizador dos sertões, os desbravador de almas incultas, as quaes proporcionou pão, ensinamentos, fé, direitos, amor, a confiança no trabalho honesto e salutar (...) as forças para a movimentação das complicadíssimas entrosagens da fabrica; a luz, a higiene, o desenvolvimento rápido da vila; tudo, tudo denuncia turgor vital da obra grandiosa de Delmiro Gouveia. (**CORREIO DA PEDRA**, 11 de fevereiro de 1922, p.1).

A ideia de que Delmiro teria constituído uma nova civilização no Sertão alagoano, foi estabelecida pelos vários olhares de “visitantes ilustres” que estiveram no Povoado e na Fábrica mesmo depois da morte de seu fundador.

O Jornal do Commercio de Recife – Cinco annos faz que foi morto barbaramente na vila de Pedra, Alagoas, o Coronel Delmiro Gouveia, infatigavel organisação de homens de negocios, que, ali, implantara, à força de golpes de audacia bemfazeja, perseverança inquebrantavel e energia, um nucleo de industria e commercio florescentissimo, levando, destarte, áquellas paragens manhinas sob o fluxo de sua vontade triumphadora, o que ellas tanto careciam: - a civilisação. Transcrito no **CORREIO DA PEDRA**, 22 de outubro de 1922, p. 1.

Assis Chateaubriand após voltar de visita a Vila da Pedra entre agosto e setembro de 1917 relata:

O senhor Delmiro Gouveia, para combater a ignorância, o fanatismo religioso, o fetichismo bárbaro, serve-se também de máquinas, engenhos da indústria humana, que em vez da morte e da destruição, ensinam ao sertanejo e ao jagunço o trabalho fecundo que educa, civiliza e aperfeiçoa (MELLO, 1998, p. 99).

A Fábrica da Pedra e também o núcleo fabril construído ao entorno da mesma, adquiriu essa enorme admiração, em parte devido ao espaço geográfico onde foi edificada. Há nitidamente um embate entre o arcaico, cujo símbolo maior era o Sertão e seus habitantes nativos, versus a modernidade, decorrente do trabalho industrial.

Essa visão de Delmiro como um homem desbravador, omite a relação antagônica e intrínseca entre força de trabalho e capital:

Se não houver força-de-trabalho para ser comprada, se não houver capital sob a forma de trabalho morto cristalizado em máquinas, instrumentos e processos para serem postos na produção, os limites de transformação da forma da mais-valia logo aparecerão (OLIVEIRA, 1977, p. 24).

Para nós é fundamental um contraponto a com a abordagem histórica tradicional que se faz da Fábrica da Pedra e do seu fundador, ou seja, é preciso salientar a importância dos sertanejos.

Uma leitura realizada a partir do materialismo histórico, nos mostra outra situação. Segundo José Paulo Netto e Marcello Braz:

Os ganhos (lucros) do capitalista, diferentemente dos ganhos do comerciante, não provêm da circulação: sua origem está na exploração do trabalho – reside no interior do processo de produção de mercadorias (NETTO – BRAZ, 2010, p. 83).

O materialismo histórico nos ajuda a perceber a inversão estabelecida, no contexto de Pedra. Ou seja, não foram os sertanejos os privilegiados pela ação de Delmiro Gouveia, pelo contrário, foi o trabalho dos sertanejos que possibilitou o levante e expansão da riqueza deste capitalista.

A Fábrica da Pedra aparece na historiografia regional e também nacional como um empreendimento de sucesso, cuja produção integrou-se ao mercado nacional e internacional. Delmiro Gouveia, seu fundador, é apresentado como um homem que está “a frente de seu tempo”. Pois, foi graças a sua audácia e habilidade nos negócios, que conseguiu gerar lucros com os produtos feitos numa indústria em pleno sertão alagoano. Isso numa época em que os meios de transportes e de comunicação eram escassos.

Ao longo de várias décadas, muitos estudiosos dos mais diversos ramos do conhecimento se dispuseram a pesquisar e escrever sobre o industrial Delmiro Gouveia. Porém, junto a essa literatura, muitas de caráter bibliográfico, há uma invisibilidade produzida para com os trabalhadores (operários). Os verdadeiros produtores de riquezas, aqueles que agregaram valor a matéria prima, foram deixados de lado ou ocupam postos secundários para pesquisa historiográfica.

A problemática acima norteará a pesquisa mais ampla da qual esta comunicação é parte, no entanto, o caráter inicial da mesma não nos permite apresentar muitos dados sobre a questão até o momento. Após o breve parêntese voltemos ao tema central da nossa comunicação, o porquê a Fábrica da Pedra se tornou ao longo dos anos um modelo exemplar para o capitalismo industrial em Alagoas e também no Brasil?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A existência de uma indústria nesta região no início do século XX foi um acontecimento intrigante para muitos observadores. Considerando-se a imagem generalizada que se tinha do sertão do Norte, (hoje Nordeste). Segundo Telma de Barros Correia:

As representações produzidas por observadores da época e na literatura posterior costumam realçar contrastes entre Pedra – vista como um centro de trabalho, civilização e progresso – e o Sertão – representado como lugar desolado e inóspito, habitado por seres rudes, místicos e indolentes (CORREIA, 1998, p. 17).

A experiência do industrial Delmiro Gouveia era muito bem vista pelos seus contemporâneos, no que diz respeito a concepção e gerenciamento do núcleo fabril era vista por outros capitalistas como exemplar. Os sonhos de muitos capitalistas encontram em Pedra uma viabilidade concreta. *“um espaço pensado para favorecer a produção de mercadorias e a reprodução de uma força de trabalho capacitada para o trabalho industrial e conduzida para respeitar o patrão e suas propriedades”* (CORREIA, 1998, 206). A obra de Delmiro era a inspiração e aspiração de outros capitalistas.

Ali também se encontrava o exemplo que a burguesia industrial precisava, pois, se no “bárbaro” sertão foi possível àquela transformação, outras poderiam ser repetidas em qualquer outro local. Confirmava-se a tese de que com o desenvolvimento da técnica e o progresso da Ciência possibilitaria a obtenção de lucros em lugares ditos “atrasados”, até então, visto como espaço sem nenhuma vocação econômica.

BIBLIOGRAFIA

AMADO, Janaína. Região, Sertão, Nação. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, VI. 8, n. 15, 1995, p. 145/151.

CORREIA, Telma de Barros. “Delmiro Gouveia: A construção de um mito.” *Cadernos de Estudos Sociais*, 1996: 25-62.

CORREIA, Telma de Barros. “Delmiro Gouveia: A trajetória de um industrial no início do século XX.” 2007.

- CORREIA, Telma de Barros. “Delmiro Gouveia: o perfil do empreendedor.” *Revista Espaço Acadêmico*, n. 83 (Abril 2008).
- . “Delmiro Gouveia: A construção de um mito.” *Cadernos de Estudos Sociais*, 1996: 25-62.
- . *Pedra: Plano e Cotidiano Operário no Sertão*. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões: Campanha de Canudos*. 3ª. São Paulo: Martin Claret, 2010.
- FARIAS, Airton de. *Delmiro Gouveia*. Fortaleza - CE: Edições Demócrito Rocha, 2001.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991*. Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOBBSAWN, Eric J. *A Era das Revoluções: 1789-1848*. 22ª. Tradução: Maria Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- HOBBSAWN, Eric J. *A Era dos Impérios: 1875-1914*. 11ª. Tradução: Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- LESSA, Golbery. *Uma nova Alagoas é possível*. <http://alagoasreal.blogspot.com> acesso em 05 de Outubro de 2011.
- LIMA JÚNIOR, Felix. *Delmiro Gouveia: O Mauá do sertão alagoano*. Maceió, AL: Grafitex, 1983.
- LINDOSO, Dirceu. *O Grande Sertão: Os currais de boi e os índios de corso*. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira (FAP), 2011.
- MACIEL, Osvaldo Batista Acioly. *Operários em movimento: documentos para a história da classe trabalhadora em Alagoas (1870 - 1960)*. Maceió: Edufal, 2007.
- . *Trabalhadores, Identidade de Classe e Socialismo: Os Gráficos de Maceió (1895-1905)*. Maceió: Edufal, 2009.
- MARX, Karl, e Friedrich Engels. *Manifesto do Partido Comunista*. 2ª. São Paulo: Escala, 2009.
- MARX, Karl. *O capital*. tradução e condensação de Gabriel Deville / Bauru, SP: EDIPRO, 3ª ed., 2008. (Série Clássicos Edipro).
- MARX, Karl. *Trabalho Assalariado e Capital & Salário, Preço e Lucro*. São Paulo, SP: Expressão Popular, 2006.
- MAYNARD, Dilton Cândido Santos. “O coronel dos coronéis: A incrível vida de Delmiro Gouveia, audacioso mártir da indústria nacional.” *Revista de historia.com.br*. 1 de 6 de 2008. <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/retrato/o-coronel-dos-coroneis> (acesso em 29 de 6 de 2011).

—. “O Nordeste brasileiro e a recepção das experiências modernizadoras de Delmiro Gouveia.” *sitemason.vanderbilt.edu.sitemason.vanderbilt.edu/files/coJCOk/Maynard.doc* (acesso em 15 de outubro de 2010).

MELLO, Frederico Pernambucano de. *Delmiro Gouveia: desenvolvimento com impulso de preservação ambiental*. Recife, PE: Massangana, 1998.

Monteiro, Fernando. “O Coronel Visionário.” *História Viva*, outubro 2004: 70 à 75.

NETTO, José Paulo, e MARCELO Braz. *Economia Política: uma introdução crítica*. 6ª. Vol. Biblioteca básica de serviço social. 1 vols. São Paulo: Cortez, 2010.

OLIVEIRA, Francisco de. *Eligia para uma Re(li)gião: SUDENE, Nordeste, Planejamento e conflito de classes*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1977.

ROCHA, Tadeu. *Delmiro Gouveia O Pioneiro de Paulo Afonso*. Maceió, 1963.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. *Bibliografia anotada de Delmiro Gouveia, 1917 - 1994. Precedida do ensaio "Delmiro Gouveia, o precursor da CHESF "*. Recife: Companhia Hidro Elétrica do São Francisco - CHESF, 1996.

SILVA, José Borzacchiello da; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia; Zanella, Maria Elisa Zanella; MEIRELES, Antônio Jeovah de Andrade (orgs.). *Litoral e Sertão, natureza e sociedade no nordeste brasileiro - José Borzacchiello da Silva et al*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006.

THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum: Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.